

APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 030467
MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

MALDIZER

Por MANUEL GIRALDES DA SILVA

E NCONTRANDO-ME há dias numa livraria, em Lisboa, quis o acaso que ouvisse uns comentários de dois cretinos — é o termo que julgo mais apropriado para os classificar — sobre a peça «O Processo de Jesus» que com tanto agrado está actualmente no Teatro Nacional.

Entre as várias cretinices de maldizer comentava um, com ar de gran-senhor: «Que coisa horrível!... Teatro de empolgada declamação que já não é do nosso tempo... Uma tremenda maçada!...» E o outro com o mesmo ar superior: «Aquele Teatro Nacional está cada vez mais tumba!... Não há maneira de levarem nada de geito!...»

É mais por aí fora, no mesmo jaez de comentários, que eu saí da Livraria, revoltado com tanto enfatuamento, ignorância e irreverência. Que, com espírito criterioso se apontem os defeitos duma peça; se analisem consciosamente os erros da sua representação, se citem as deficiências artísticas do encenador e a má interpretação de alguns dos seus personagens, está bem!... É admissível!...

O público tem direito a julgar, especialmente quando tem o bom gosto e o saber de apreciador de bom teatro, mas que, só por ignorância, malquerença e má fé, se destrua o trabalho dos outros pelo prazer mórbido de maldizer... não se admite e não está certo!...

Não é com derrotismos que se constroem!... Não é com pessimismos que se estimulam os artistas!... É com imparcialidade, senso e

critério. Porque é que certos senhores não descem do seu pedestal, e não querem ver o trabalho dos outros, não reconhecendo que é com persistência tenaz que se torna em realidade uma obra que se sonhou, que na concretização dos seus anseios de tudo quanto idealizaram sentem um dia a satisfação plena da sua missão cumprida. Não se trabalha impunemente mais de vinte e cinco anos no Teatro Nacional sem nunca ter feito «nada de geito».

Quanta ingratidão há neste derrotismo e ignorância!... Que abominável apreciação!... E, esquece-se assim essa grande alma eleita, pelo sopro divino da Arte, que sempre foi Amélia Rey Colaço, que, com a colaboração inteligente de seu marido, o nosso saudoso Róbles Monteiro, tantas belas e inesquecíveis noites de arte nos proporcionaram; desde as já longínquas actuações na «Marianela» e «Zilda», até às «Bruxas de Salém» e «Comediantes». Quantas e quantas peças de magistras interpretações a grande sensibilidade do seu belo espírito requintadamente artístico pôs em cena?...

Cito ao acaso algumas que a memória não atraiçoo: «Entre Giestas», «O Herdeiro», «Salomé», «Cristalina», «Domus», «Saias», «Tá-Mar», «Electra», «Peraltas e Sécias», «A Senhora das Mãos Brancas», «A Casa da Bernarda Alva», «O Prémio Nobel», «A Ferida Luminosa», e tantas e tantas outras...

E as grandes concepções espectaculares de pura Arte da criação de Teatro ao Ar Livre, como foi essa noite maravilhosa do «Sonho duma Noite de Verão», nos jardins dum Parque de Lisboa;

A Representação da «Castro», no Mosteiro de Alcobaca; «O Auto de Santo António», no Adro da Sé; «O Auto de Aljubarrota», na Graça do Comércio, e outros mais pelas festas do Centenário, no Castelo de S. Jorge, em Lisboa; e no Castelo de Guimarães, e mais que não vale a pena citar, em que o seu génio criador de grande artista deu-nos noites inolvidáveis de pura Arte,

DR. MIGUEL BASTOS

Ocorreu na terça-feira da semana finda, dia 3 do corrente, o 4.º aniversário da investidura do sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, no prestigioso cargo de Governador Civil do Distrito de Setúbal.

No desempenho do seu alto cargo, tem sua ex.ª merecido a admiração e a estima dos povos de todo o nosso Distrito, dado o interesse que tem dedicado aos assuntos que lhes são relacionados.

Foi disso viva prova de amizade a carinhosa manifestação efectuada há semanas, a propósito do restabelecimento da operação a que fora submetido ultimamente.

A juntar às felicitações que decerto o ilustre governador civil terá recebido por tão brilhante facto na sua vida oficial, «A Província» junta a homenagem de maior consideração e apreço pela sua destacada acção em prol das populações deste distrito e, muito em especial, aos problemas do nosso concelho.

Uma réstea de sol

Cromo de Janeiro

Ao dr. António Ramos, distinto pintor e lido notário em Palmela

Viajava num célebre carro azul, com filetes cromados corridos de ponta a ponta, linhas esbeltas, rodas esmaltadas a branco.

O tempo que fazia era pardo, triste, nuvens carregadas, brumas rondando as

Por

DR. CABRAL ADÃO

curvas altas do horizonte. Isto há dez, há quinze dias, há um mês. Assim, a Natureza é melancólica, baça, amortecida. Mas bastaria uma réstea de sol.

Como por milagre, eis que ela rebenta duma fenda de nuvens, que vai alargando-se, alargando-se nos seus lábios de lápis plúmbeo sujo, e cinza laivada de carvão. O sol, vívido como olho de fogo que é, brilhou na estrada, nos atalhos, nos matos, nos campos de cultivo, iri-

sando as gotas de orvalho hesitantes nos ramos nus, ou nas folhagens coriáceas das árvores perenes. A nesga de céu azul mostrou-se límpida como a castidade, profunda como um amor são, onde o sol imperava como rei. E, conforme o carro rolava sereno e rápido pelo negro metálico do asfalto, abriam-se-me cenas de alegria campesina que me lembrei de registar aqui.

Seara verde, bastante crescida para lembrar um tapete, de felpa esmeralda. O sol vê-se que puxa pelas orelhas do cereal, convidando-o a fazer-se messe grande. As margens são de terra argilosa, ocre, preparada para outro fim. Terreno ligeiramente ondulado, em meia cana. E, no centro, como animado este fundo de verdura tenra, o «bouquet» puríssimo duma amendoeira florida, cacho de bagos róseos, etéreos, vaporosos, que, nos olhos, sabem a doce, no olfacto sabem a cor, nos ouvidos sabem a murmúrios cândidos de abelhas.

Uma vinha, mais além, em plano ligeiramente superior à estrada. As cepas, dum castanho preto, são braços transidos, impregnados de humilde, encascados dumas pelagras destacáveis. O sol vem agasalhá-los, àqueles braços que a poesia vê suplicantes, porque desejam vestir-se e produzir, num recato de pudicícia. É um sorriso de conforto que perpassa pela vinha...

Ao meio dos valados, traçando a erva vagarosamente, um grupo de três vacas vivifica o quadro. São brancas como o leite que vertem dos úberes (a chuva lavou-as, também!), caprichosamente malhadas dum negro assedado e luzente aos raios do sol, como se acabassem de nascer. Vão mudando de posição, do pescoço pendente, focinho mergulhado nos tufo da ervagem, ou de cabeça mocha levantada, ruminando a ração, de olhos fechados, consoladas.

Sobreirais, montado, predomínio de verdes de bronze

CAMPANHA DO «MAIS UM»

«A PROVÍNCIA»:

Pretende ser um grande jornal;
Deseja ter a melhor e maior colaboração;
Quer ter mais páginas, mais secções e mais interesse;
Quer ser mais doutrinário, mais informativo, e mais recreativo.

«A Província» pretende modificar a sua estrutura, ser um jornal mais agradável à vista e à sua leitura.
«A Província» quer ser um jornal moderno, aquele que os seus leitores desejam.

Que é necessário fazer?...

Que todos colaborem, um por um, dando uma insignificância!

Que se pede a cada assinante?

Só isto! Que cada assinante arranje outro assinante.

Só mais um assinante! Mais nada!

Mas é preciso que todos colaborem. Todos sabem, que a união faz a força.

Pedimos-lhe a si, caro leitor: *Arranje, pelo menos, só um assinante; pense apenas no seu tributo para um jornal maior.*

Se todos fizerem só isso, teremos um belo e grande jornal, e tudo muito brevemente.

Sim, é preciso que todos ajudem nesta campanha.

A Campanha do MAIS UM.

A todos que colaborem, ser-lhes-á entregue um emblema de «A Província», um artístico emblema do seu jornal.

TEREMOS CONCURSOS E GRANDES SURPRESAS!

Caro assinante: Arranje só isto: MAIS UM!

Repouso

*Ao ver a noite a crescer
E muitas folhas caídas,
Parece a terra dizer:
— Eu já vos dei de comer,
Guardai-vos p'ra novas lidas.*

*E enquanto a neve cair
E o vento empurrar as portas,
Eu não posso reflorir;
Deixai-me, quero dormir
Coberta de folhas mortas.*

(V.ª N.ª de Fomalhão,
Outono de 1958)

Marie de Soledade

(Continua na página 2)

(Continua na página 2)

Dr. Manuel Giraldes da Silva

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º

Telef. 050245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.

Telef. 030256 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto

Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ª e 6.ª feiras

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo

Todos os dias

Rua Morais Soares, 116-1.º

LISBOA Telef. 48649

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista

Doenças dos olhos

Consultas às 5.ª feiras,

pelas 14 horas

Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º

Telef. 030245

MONTIJO

Dr. A. Gonçalves de Azevedo

Estomatologia-Boca e Dentos

Consultório:

R. Almirante Reis, 134 - MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luís de Camões - MONTIJO

Telef.º 030502 - 030465 - 030012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de

Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques — N.º 231

Telef. 030556

MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das Maternidades de

Paris e de Strasbourg.

De dia - R. Almirante Reis, 72

Telef. 030038

De noite - R. Machado Santos, 28

MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030046

Serviços Médico Sociais, 030198

Bombeiros, 030048

Taxis, 030025 e 030479

Ponte dos Vapores, 030425

Polícia, 030144

Telefone 030376

Para Boas Fotografias
procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71

(Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

Tenente António Milheiro

Como noticiamos no último número do nosso jornal, faleceu em Penamacor no dia 18 do mês findo, com 87 anos, o sr. Tenente António Milheiro.

Era natural da Aldeia de Santa Margarida.

Alistou-se no Regimento de Infantaria n.º 24. em 1887, então aquartelado em Penamacor.

Como Alferes embarcou para Moçambique em 8-6-907.

Fazendo parte da 10.ª Companhia Indígena de Landins, destacou para Angola para tomar parte na Campanha do Cuamato, incorporando-se na expedição Comandada pelo General Roçadas. Tomou parte no combate de Moufiro, no reconhecimento e na defesa do quadrado de Aucongo bem como na defesa do quadrado de Domequero.

Nos serviços prestados nesta Campanha, Cuamato 1907, foi condecorado com as medalhas de Valor Militar, Medalha de Ouro de Serviços Distintos e Relevantes e Rainha D. Amélia.

Em 1911, voltou novamente, como Tenente, para o Ultramar, tendo exercido o cargo de Comandante Militar do Dumbo e Capitão Mor de Maquela de Zombo, onde lhe foram conferidos vários louvores. Possuía ainda entre outras condecorações, a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar.

Em 1912, regressou à Metrópole, passando depois à situação de Reforma.

Como reformado fez parte da vereação da Câmara Mu-

nicipal de Penamacor, sendo a última delas, na da presidência do sr. Jaime E. Ribeiro de Mendonça em 1926.

Desta vereação, o «Diário de Notícias», de 18-2-1926, diz que «foi uma das mais assíduas e trabalhadoras», tendo levado a efeito grandes melhoramentos, como seja: a electrificação da vila, o subsídio da carreira diária de camioneta para correio e passageiros entre a vila e a estação do Caminho de Ferro, obras no edificio escolar onde começaram a funcionar as quatro escolas da vila, e trabalhou para a conclusão da estrada de Penamacor a Sabugal!

Era casado com a sr.ª D. Ca-

cilda Prazeres Milheiro e pai do Presidente da Câmara e Comandante Militar de Penamacor, Tenente Coronel João Mário Prazeres Milheiro; Sôgro da Senhora D. Ilda Pereira da Silva Prazeres Milheiro e Plínio de Oliveira Matos, Funcionário Público, residente em Lisboa; Avô dos Senhores José de Oliveira Matos, agente Comercial em Lisboa; D. Maria Teresa da Silva Milheiro, casada com o Eng.º sr. António Sidónio de Sousa; D. Maria Filomena da Silva Milheiro, casada com o Arquitecto José Luís Pinto Machado e João Maria da Silva Milheiro, estudante do Ensino Superior.

Informações da

Defesa Civil do Território

Devemos manter um sistema de defesa civil adequado. Pensa-se, por vezes que a DCT só tem verdadeira importância em caso de guerra. Porém, uma DCT eficaz, além de reduzir os riscos de guerra, contribui para solucionar problemas de emergência que surgem no dia a dia, durante o tempo de paz.

Na era atómica em que vivemos, nenhum agressor se atraverá a desencadear uma guerra se não estiver absolutamente seguro de que o seu golpe será absolutamente mortal. Caso contrário correrá o risco de sofrer uma série de represálias que o poderão aniquilar.

Uma DCT bem organizada não permitirá que o inimigo nos encontre desprevenido; consagrando-nos a construir uma DCT, eficiente, contribuiremos, sem dúvida, substancialmente, para a causa da paz, ao mesmo tempo que nos preparamos para a eventualidade, de uma guerra.

D. C. T. — A colaboração de cada um para a protecção de todos nós.

Principais efeitos a temer atómico aéreo, por ordem de importância:

— Efeitos de calor — produzem incêndios a 3 ou 4 quilómetros do ponto de explosão.

— Efeitos de pressão — provocam um sopro tão vio-

lento como o dum furacão seguido duma aspiração semelhante à de um redemoinho.

— Efeitos de radioactividade inicial provinda imediatamente do rebentamento nos três primeiros segundos.

— O remanescente ou residual — resultante principalmente da queda de poeiras e películas radioactivas.

Actualmente em tempo de guerra os soldados são todos os cidadãos do país, em uniforme ou em traje civil; são elementos de defesa e cada um há-de considerar-se mobilizado no seu serviço, cheio da mesma energia e da mesma fé, capaz da mesma devoção e do mesmo esforço, para assegurar a sobrevivência da nação.

Não espere para amanhã! Inscreva-se, imediatamente, num curso da D. C. T.!

Armando Boaventura

Um brilhante jornalista desaparecido das lides da Imprensa

Mais um dilecto e apaixonado artista do lápis e da pena, que abriu uma clareira nas fileiras do jornalismo português.

Armando Boaventura, de 68 anos de idade, natural do concelho de Barcelos, ingressara no jornalismo profissional, há cerca de quarenta, como cronista brilhante, quer em reportagens no País, quer ainda no estrangeiro.

Foi distinto desenhador, o que lhe permitiu inúmeras vezes ilustrar primorosamente os seus trabalhos na imprensa.

Tendo obtido em Leiria e Coimbra os cursos dos liceus e das escolas industriais, foi assinalável o seu magistério em vários colégios particulares.

Como jornalista, iniciou a sua actividade no ano de 1921, nalguns jornais políticos, transitando depois para a imprensa noticiosa, tais como «Comércio do Porto», «Diário de Lisboa», «O Século» e desde há longos anos, redactor regionalista do «Diário de Notícias», onde ultimamente vinha desempenhando o espinhoso cargo de chefe de redacção do semanário

Uma réstea de sol

(Continuação da 1.ª página)

velho, cinzentos averdoscados, castanhos maculados de líquenes de gradações infinitas. Um ou outro pinheiro alto, pingando das agulhetas. Salpicos de tojos florescentes, nas campânulas amarelentas dos ramitos eriçados de espinhos. Sargaços discretos na tonalidade, humildes. Mil espécies de arbustos em harmonia de intenções: não tornar ainda o mato muito garrido.

Mas uma urze revolta-se, neste remanso de submissão. Antecipa-se dois meses, ergue-se o mais que pode nos pèzitos lenhosos e grita uma hossana de roxo, que o céu recolhe e quase mistura na imensidão do soro de safiras. É uma queiró atrevida, caudilho dos milhares de outras ainda mudas de colorido, sumidas na confusão vegetal do montado. E lá fica ela, fogo votivo de violetas, brindando à réstea de sol.

Aproxima-se um povoado. Há lavouras mais mimosas, pomares, um olival novo. O terrado das oliveirinhas é um viveiro de erva-canária, agora sobreposto dum cendal de florinhas azougadas, como minúsculos aerostatos levantando a dois palmos do chão, esse trevo amarelo puro, luminoso, quase direi fluorescente, que inunda as retinas dum banho de luz penetrante. Os raios de sol, resvalando nas corolas amarelas (amarelo canário, pícrico) dessa formosa erva, arrastam a cor e vão pintar reflexos nos longes, como ecos.

Mas a réstea vai-se, as nuvens voltam a fechar-se, a chuva a prometer-se, e o carro azul segue em velocidade de indiferença, como tudo parece indiferente, nanja eu, que entristeço quando o sol deixa de brilhar sobre o teatro da Natureza em puberdade de flores.

Dr. Cabral Adão

Maldizer

(Continuação da 1.ª página)

que não poderemos esquecer e que bem gratos estamos a quem, com tanta beleza nos poude proporcionar.

!...E por o sentir assim, é que se me impunha o dever por um sentimento criterioso e justo, manifestar bem publicamente, embora dum recanto da provincia, como espectador grato e não como crítico, a minha repulsa por tão malidicentes comentários a esses eleitos de Deus que no trabalho e na Arte, são mais alguma coisa... do que aqueles que na vida só se preocupam com o nó da gravata...

Manuel Giraldes da Silva

SANFER, L.ª D.ª

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
MONTIJO, Rua da Bela Vista
AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Leia, Assine e Divulgue:

«A PROVINCIA»

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

FEVEREIRO

— No dia 11, a sr.^a D. Maria Lucília Marques Peixinho irmã do nosso prezado assinante, sr. Manuel Marques Peixinho Júnior.

— No dia 11, o nosso dedicado assinante, sr. Francisco de Almeida.

— No dia 11, o nosso estimado assinante, sr. António Ribeiro.

— No dia 11, a sr.^a D. Gertrudes da Conceição Alcobia, sogra do nosso dedicado assinante, sr. Francisco José Pelirú.

— No dia 12, a sr.^a D. Gertrudes Eulália Garroa, esposa do nosso estimado assinante, sr. Nicolau Madeira Soares.

— No dia 12, a menina Maria Manuela Pinto da Veiga Marques, filha do nosso prezado assinante, sr. Francisco Pinto da Veiga Marques.

— No dia 13, o nosso estimado assinante, sr. Norberto José da Silva.

— No dia 13, a sr.^a D. Gertrudes Perpétua Tobias Sousa, filha do nosso prezado assinante, sr. João Augusto Tobias.

— No dia 13, a gentil menina Luisa Maria Sousa Pinto, filha do nosso dedicado assinante, sr. prof. José Félix Margalho Pinto.

— No dia 14, a menina Maria João da Silva Pereira Duarte, filha estremosa do nosso estimado assinante, sr. João Leite da Cruz Pereira Duarte.

A todas as pessoas aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas melhores felicitações.

Carnaval no Estoril

Nos esplendorosos festejos de Carnaval que se realizaram no Estoril, — e que foram largamente relatados na imprensa diária da capital, tomaram parte nos dias 7, 8 e 10 do corrente mês, — respectivamente sábado, domingo e terça-feira última —, as Bandas musicais de Montijo: Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro e Banda Democrática 2 de Janeiro, que ali foram muito apreciadas pela numerosa assistência.

Espectáculo carnavalesco

pelo Grupo Artístico Montijense

Efectuou-se no Salão de Festas da Banda Democrática 2 de Janeiro, desta vila, o anunciado espectáculo para a noite de quarta-feira, 4 do corrente, que foi brilhantemente desenhado por todos os seus elementos, e «Orquestra Eldorado», assim como pelo distinto artista montijense sr. Vaz de Carvalho, Teresinha, etc. etc.

Do que foi essa inolvidável festa de Carnaval, daremos na próxima semana a respectiva crónica, o que não é possível incluir neste número, por aglomeração de original.

Calendários

Recebemos ultimamente por gentileza das firmas ofertantes, os interessantes calendários da Fábrica de Papel de Oeiras — da empresa Sarmiento & Sá, L.da e da importante firma Murdet & C.^a L.da, com escritórios em Lisboa e fábricas no Seixal, Amora e Montijo; além doutras dependências no País e Estrangeiro.

O último apresenta esplêndidas oleografias, como sejam: «Lavradores do Norte», «Moliceiro», «Ria de Aveiro», «Camacha», «Baile Típico da Madeira», «Partindo para a Pesca», na Costa de Aveiro.

Agradecemos muito reconhecidos.

Drogaria

— RAPA Z, precisa. Drogaria Montijense.

MONTIJO

Encontra-se constituída a Federação dos Grémios do Comércio do Distrito de Setúbal

Em seguimento à iniciativa tomada pelo sr. dr. Veiga de Macedo, Ministro das Corporações e Previdência Social, reuniram-se no dia 31 do mês findo em breve cerimónia que teve lugar no seu gabinete, os representantes dos Grémios do Comércio dos distritos de Braga e Viana do Castelo, Leiria, Santarém, Setúbal e Faro, a quem foram entregues os respectivos alvarás de constituição.

Ficaram assim criadas portanto as seis Federações entre as quais a do nosso distrito, reunindo os organismos corporativos de actividade comercial de diversos concelhos da sua área, tais como os de Setúbal; Barreiro e Moita; Montijo e Alcochete; e as secções integradas naquele, de Almada e Sesimbra; Pamela, Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines.

A comissão directiva da Federação de Grémios do Distrito de Setúbal ficou composta pelos srs. Manuel José de Góis (presidente) representante do Grémio de Setúbal, Fernando Ferreira, pelo Grémio de Montijo e Alcochete, e Francisco Simões Branco, pelo Grémio do Barreiro e Moita.

No discurso que proferiu, o sr. dr. Veiga de Macedo afirmou que brevemente começarão em actividade as Corporações da Indústria e do Comércio, salientando a situação das algumas categorias profissionais ao serviço das actividades do comércio.

O sr. Ministro das Corporações alongou-se ainda em várias considerações de feição corporativa, e o sr. Manuel José de Góis, actual presidente da direcção do Grémio de Setúbal e presidente nomeado para essa Federação, usando da palavra agradeceu ao ministro a aprovação dos estatutos das novas Federações e a sua designação e a dos seus colegas para dirigir, de início, os novos organismos, e presagiu que «melhores dias deverão resultar para as justas aspirações do comércio português, com a criação destes organismos de grau secundário», através da organização corporativa da Nação.

Banco Português do Atlântico

Recebemos o relatório e contas deste importante estabelecimento bancário, com sede social no Porto e sede central em Lisboa, e numerosas dependências no País e Ultramar, entre as quais uma em Montijo, — relativo ao exercício de 1958.

O seu elucidativo Balanço Geral e desenvolvimento da conta de «Lucros e Perdas», apresenta um saldo positivo de Esc. 20.667.185\$37, o que é reflexo das crescentes prosperidades deste conceituado estabelecimento de crédito agora no seu quadragésimo ano de existência.

Auguramos desde já a continuação da sua proveitosa actividade, a bem dos interesses da nossa região.

HILLMAN
HUMBER
SINGER
SUNBEAM

e Furgonetas COMMER c/o Grupo ROOTER

José Forte Faria

AGENTE DISTRIAL

RENAULT E DE SOTO

Avenida 22 de Dezembro, 62-64

Setúbal

Telefone 22673

LUTUOSA

Manuel Freire Caria Júnior
(Aldegallega)

Conforme foi relatado pela imprensa diária e regional deste distrito, faleceu no passado dia 1 deste mês, no Hospital dos Capuchos, em Lisboa, o nosso conterrâneo sr. Manuel Freire Caria Júnior, marchante e proprietário de talhos no Mercado do Livramento, em Setúbal, o qual contava 50 anos de idade.

O seu falecimento foi ocasionado por desastre sucedido no dia 16 de Janeiro, aquando duma caçada às lebres, na herdade do Pinheiro, do qual lhe resultou violento traumatismo craniano e outro traumatismo, este na coluna cervical, de consequências gravíssimas.

O extinto tinha sido um antigo desportista nas modalidades atléticas e tauromáquicas, que nos tempos da sua mocidade praticou, com assinalado êxito.

A vítima tinha sido hospitalizada com a maior urgência, e apesar dos maiores cuidados clínicos dispensados a Manuel Caria, este não conseguiu sobreviver pelas lesões sofridas.

Não estará decerto ainda esquecido dos nossos leitores o gesto simpático deste montijense, ofertando para a inauguração da Praça de Toiros de Montijo, um toiro que foi lidado e abatido a favor das Casas de Caridade desta vila, em 1 de Setembro de 1957.

Manuel Caria (Aldegallega), era muito querido por todas as classes sociais de Setúbal, que muito o apreciavam, quer pelo seu feitio irrequieto e alegre, quer pela prontidão dos seus serviços, e ainda pelas qualidades do seu carácter e honestidade.

O seu funeral para Setúbal teve lugar na sexta-feira passada, dia 6, — com passagem pela nossa vila —, levando um extenso cortejo de automóveis, que acompanhou o nosso saudoso conterrâneo à última jazida.

A sua desolada família apresentamos os nossos sentidos pésames.

Firmino Alves dos Reis

Sidónio Firmino Louro Alves dos Reis, — tal era o nome completo do saudoso fundador e director artístico do apreciado Conjunto Musical «Os Reis da Alegria», que foi a sepultar no cemitério municipal desta vila, no penúltimo domingo dia 1 do corrente.

Ainda recentemente, um grupo de amigos e companheiros de Firmino Alves dos Reis, — atendendo à sua precária saúde, pois encontrava-se hospitalizado —, em que se reuniram os agrupamentos musicais e artístico «Reis da Alegria», «José da Silva» (do Barreiro), «Orquestra Eldorado», «Grupo Artístico Montijense» e o estimado cantor sr. Vaz de Carvalho, haviam efectuado em 17 do mês findo, um espectáculo de homenagem e auxílio, no salão de festas da 1.º de Dezembro, que foi bem acolhido pelo nosso público num rasgo humanitário.

O falecido que era natural desta vila e faleceu no dia 31 de Janeiro, contando 39 anos de idade, era casado com a sr.^a D. Angelina Lopes Borges Reis, e pai da menina Maria Dulcinea Borges Alves dos Reis.

E' necessário rever...

Já em tempos aqui focámos o perigo na determinação do trânsito da Rua Almirante Reis para a Rua Afonso Pala. Num dos dias da penúltima semana devido ao apertado da volta deu-se um atropelamento sem que, afinal, haja que imputar responsabilidades a qualquer das partes!

Mas ainda pior que a dificuldade da curva aonde não há passeios, e portanto falta de abrigo para os peões, é o facto de ser permitido na Rua Afonso Pala e junto à Casa Gabriel do Carmo, o estacionamento de veículos o que mais dificulta a manobra de qualquer carro que tenha de voltar!

Afigura-se-nos que o assunto deverá ser revisto não só com a mudança do trânsito noutra sentido, como ainda com a proibição desse estacionamento, sem que isso traga quaisquer prejuízos para os proprietários dos veículos, pois possuem um largo anexo onde a arrumação melhor se efectua!

Esperamos ser ouvidos nesta reclamação!!

Festival Taurino

Na linda Praça de Toiros montijense, produto da boa vontade dum grupo de bons aficionados, realizaram-se duas vacadas que decorreram muito animadas, embora o público, por causa do tempo, no primeiro dia, não enchesse mais dum quarto de casa.

Foram momentos salientes da mesma actuação do cavaleiro Rui Romão, que com intuição e noção dos terrenos cravou com boa mão e olhando o novilho, ferros curtos e compridos.

O amador Domingos Tavares, (Dominginhos), filho do grande aficionado do mesmo nome, exibiu-se com agrado numa novilha, recebendo fartos aplausos.

A trupe de «Charlots» comandada por Joaquim Caramelo divertiu a assistência, com hilariantes números.

Dos forçados, alguns mostraram aptidões e desembaraço.

Do grupo de bandarilheiros, todos saltaram à arena, o que já não é pouco.

O primeiro espectáculo foi dirigido por Ivo Borba e o segundo por Adolfo Machado.

No final da primeira vacada foi largado um toiro para curiosos, o que ocasionou as costumadas peripécias.

Da segunda, há a destacar uma valente pega, feita por um grupo de pequenas raparigas que figuraram na «Marcha da Graça», e tomaram parte nesse festival taurino.

Por ser ainda um facto inédito nas nossas arenas, que muito agradou ao nosso povo, a ele nos associamos também.

Enfim, duas tardes divertidas que proporcionaram bom reclame, para a praça de Toiros de Montijo.

Um assistente

O Conjunto Musical «Os Reis da Alegria», fundado em 13 de Novembro de 1949, sofreu pelo desaparecimento de Firmino Alves dos Reis, uma notória falta, e sua família recebeu um profundo golpe pela perda do seu estimado e dedicado chefe.

A sua viúva e filha, bem como aos «Reis da Alegria», agora envolvidos em pesados crêpes, testemunhamos as nossas condolências.

Agradecimento

Aurora Ramos Dias Canastreiro
António Feliciano Canastreiro, e mais família, vêm por este meio e devido a desconhecimento de algumas moradas, agradecer a todas as pessoas que carinhosamente se interessaram no período da doença da sua saudosa extinta, assim como a quantos, de qualquer modo, manifestaram o seu pesar e a acompanharam à sua última morada.

AGENDA UTILITARIA

Farmácias de Serviço

5.ª feira, 12 — *Diogo*
6.ª feira, 13 — *Giraldes*
Sábado, 14 — *Montepio*
Domingo, 15 — *Moderna*
2.ª feira, 16 — *Higiene*
3.ª feira, 17 — *Diogo*
4.ª feira, 18 — *Giraldes*

Boletim Religioso

Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

5.ª-feira, 12 — às 8,30, 9 e 9,30 h.
6.ª-feira, 13 — às 8, 8,30 e 9 h.
Sábado, 14 — às 8,30, 9 e 9,30 h.
Domingo, 15 — na Igreja da Misericórdia, às 8 h.; na Igreja Paroquial, às 10, 11,30 e 18 h.; na Capela do Afonsoeiro, às 9 h.; no Santuário da Atalaia, às 10,30 h.; e na Jardim, às 16,15 h..

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Evangélica Presbiteriana do Salvador — Rua Santos Oliveira, 4 - Montijo.

Domingos — Escola dominical, às 10 horas, para crianças, jovens e adultos. Culto divino, às 11 e 21 h.

Quartas-feiras — Culto abreviado, com ensaio de cânticos religiosos, às 21 h.

Sextas-feiras — Reunião de Oração às 21 h.

No segundo domingo de cada mês, celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucarística Sagrada Comunhão

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A - Montijo.

Domingos: — Escola Dominical, às 11,30 h.; Prêgação do Evangelho, às 21 h.

Quintas-feiras: — Prêgação do Evangelho, às 21 h.

Carlos Mascarenhas

É de autoria deste nosso antigo colaborador e falecido há um ano, o conto intitulado «Saber morrer», que começamos hoje a publicar no presente número de «A Província».

Não teve o seu autor a possibilidade de o ver em letra de forma, no período da sua prolongada doença, cumprindo-nos lamentar a perda de tão valioso colaborador.

Elisário Joaquim Carvalho

Esclarecimento

A fim de se desfazerem possíveis mal entendidos, esclarece-se que o nosso antigo colaborador Elisário Joaquim Carvalho transitou o seu pedido para o cargo de redactor regionalista e não porque tivesse sido excluído do nosso quadro desportivo.

Foi isto que acentuámos em nosso jornal n.º 200, de 22 de Janeiro passado.

Vende-se

— BICICLETA MOTORIZADA tipo moto, em muito bom estado. Cromados e pintura de origem — preço acessível.

Mostra-se na R. Gago Coutinho n.º 25 — MONTIJO.

Perdeu-se um fio

— Dão se alvissaras, a quem o entregar nesta redacção.

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Serpa, 2 - Montijo, 2

O resultado deste prélio, comprometeu grandemente as aspirações montijenses, pois só a vitória daria alento para discutir, com os seus mais directos contendores, Farense e Portimonense, o direito de «frequentar» a II fase.

Não quis no entanto a sorte do jogo que assim fosse e, os montijenses não souberam «guardar» o resultado alcançado no primeiro tempo, tendo consentido o empate que se veio, afinal, a justificar pelo «élan» da turma visitada na segunda metade.

É certo que o encontro era difícil por ser em terreno alheio, mas é certo também que a diferença de classe era, e foi, manifesta, entre os contendores, simplesmente os da casa «quizeram e souberam» defender a sua posição com vista ao perigo que correm, e os montijenses não tiveram talento para defenderem a sua, e o que é mais ainda, defendendo um nome que iam criando no futebol português dado às suas iniciais actuações e

posição que ocupavam na tabela.

Assiste-se a um abaixamento de forma, nada justificável, e a uma apatia por parte dos jogadores que os leva a pouco, nalguns casos nada, rendimento que poria o Clube em perigo se não fôra alguns resultados do início do campeonato que o puzeram a cobro do perigo.

Nada está perdido, é certo, mas a verdade é que para considerarmos as aspirações iniciais, necessário se tornava a infelicidade alheia, à parte é claro, do encontro máximo da zona sul e que se regista justamente no último dia do calendário.

E muito pouco para aquilo que todos aspirávamos, visto como foram as actuações de princípio, e resultados, até, surpreendentes, que fizeram acreditar numa melhor finalidade.

Contudo aguardemos o desfecho desta fase, porque em futebol tudo é possível e tudo está certo!!

J. E.

Campeonato Distrital de Juniores

Luso, 1 - Montijo, 4

Num campo bastante enlameado, em que o padrão de jogo a apresentar, por ambas as equipas, nunca poderia ser de nível elevado, alinharam as formações com a seguinte constituição:

LUSO: — António; Jorge, Fernando e Salvador; Walter e Sezinando; Diamantino, João, Torrão, Fernando e Rui.

MONTIJO: — Emídio; Alves dos Reis e Adriano; José António, Gervásio e Bexiga; Coelho, Artur, Neto, Pinto e Galambas.

Como se esperava a melhor capacidade dos montijenses cedo veio ao de cima, razão porque, 4 minutos após o início, logo se colocaram em vencedores, mercê duma jogada concretizada por Artur.

No entanto, positivamente, nada mais lograram do melhor rendimento que estavam a tirar do seu conjunto, atenuando, um pouco, esta falta de marcação de golos o mau estado do terreno, especialmente na zona fronteira à baliza, assim como, a razoável actuação do guarda-redes do Luso, bem secundado pelo defesa central.

Esta primeira fase do encontro, ganha pelo Montijo, pela vantagem mínima, foi caracterizada pelas dificuldades que os avançados

montijenses tiveram, como atrás anotamos, de manobrar em terreno encharcado, proporcionando rápida recuperação dos adversários, pela impossibilidade da bola rolar, de jogador para jogador, em execução dos esquemas que o técnico houvera, por certo, delinear, e que é seu padrão, e a que já temos assistido noutros encontros.

A' rectaguarda da linha avançada, todos cumpriram, com distinção para o guarda-redes.

Reatado o encontro, o Montijo disfrutou da melhor metade de rectângulo para atacar e, assim, começaram a aparecer, mais frequentemente, as triangulações e os passes em profundidade que se não fora a fraca eficiência dos extremos e o «descanso» de Neto, os golos formariam «bicha» no marcador favorável do Montijo.

É porém Neto que aos 12 minutos, de fora da grande área, lança o esférico em balão e perante a incredulidade dos assistentes o coloca por detrás do guarda-redes adversário que, hesitante, tenta defender a bola apenas com uma mão, no gesto de quem a pretende lançar por cima da barra horizontal.

Os montijenses continuam a jogar descansados, fazendo alarde

dos seus primores técnicos e de instinto futebolístico, mórmente os jogadores do quadrado mágico e o pachorrento Neto, futuro promissor dum nome que se escreve já com letras maiúsculas no futebol português.

Quando iam decorridos 22 minutos, Gervásio, «stopper» montijense, tem uma jogada comprometedoras que proporcionou ao Luso a marcação do ponto de honra, aliás merecido, pelo apego dos seus jogadores que embora sentindo a ascendência do adversário, não deixaram sempre de replicar, discutindo lance por lance.

Não podia, todavia, o Montijo deixar de progredir na marcação, pelo que, Coelho, jogador que necessita acreditar nas suas possibilidades, as quais são bastantes convincentes, se não fôra o receio dos lances e sua finalização, aumentou a vantagem dos visitantes com um oportuno remate à boca das redes, a concluir um centro atrasado, que fuzilou o guarda-redes lusitano.

E como corolário e nos últimos minutos Neto captou, à entrada da grande área, o esférico, num despacho do guarda-redes visitado, e com um bicanço anichou a bola nas redes, sem qualquer outra intervenção, fixando portanto o activo da sua equipa em 4 tentos terminando em seguida o encontro.

Pelo que atrás deixamos escrito se deduz que o jogo foi relativamente fácil para o vencedor, que apresentou uma equipa onde todos cumpriram o melhor que puderam, com realce para Emídio, médios de ataque e trio central avançado.

No Luso destacamos António, pelo trabalho no primeiro tempo e Walter, sendo o resto da turma constituída por jogadores vulgares de inferior capacidade técnica.

Manuel Lino

Basquetebol

Sporting, 100 - Montijo, 42

E podia ter sido mais...

Jogo no Pavilhão dos Desportos.

Arbitragem dos srs. Angelo Salgado e Aurélio Cruz.

Alinharam e marcaram: SPORTING: — Barreto (4), J. Mário (19), Feu (24), Ascensão (27), J. Santos (24) e Patrício (2).

MONTIJO: — Pontes (10), Américo, Teodemiro (4) Bernardes (9), Boiões (16), Ribeiradio (1), Cepinha I, e Cepinha II, Barreiras (2) e Lucas.

Mais uma vez, por motivo de não nos podermos deslocar a Lisboa, tivemos de pedir a pessoa de confiança que fizesse a crónica.

Disseram-nos que o Montijo tinha entrado neste campeonato só para aprender! Será assim? Em parte acreditamos que algo se aprenda, mas que se mostre que não sabemos nada é que não está bem, porque o Montijo já nos tinha mostrado que sabia alguma coisa.

É, pois, isso mesmo que gostaríamos que voltasse a acontecer, porque uma equipa que se classifica no seu distrito a seguir aos campeões nacionais, tem o dever e obrigação de honrar tal lugar, o

Distrito e o nome do seu Clube e não se limitar a vir ao Campeonato Nacional da 1.ª Divisão para servir de cobaia a treinar as outras equipas conforme as críticas o assinalaram e que infelizmente assim tem sido, pois a equipa que antes se mostrava unida e com bom fio de jogo, tem-se mostrado demasiada fraca táctica e tecnicamente e com os jogadores fora dos seus lugares habituais.

Não nos compete a nós dizer como remediar o mal, mas as pessoas que estão directamente ligadas à secção têm de o fazer, pois que com certeza, sabem de onde ele parte, pois que, se os jogadores não se adaptam às tácticas, há que adaptar as tácticas aos jogadores, sempre assim foi e será.

No jogo da passada sexta-feira, o Sporting dispôs da equipa de Montijo como quiz e, podia até, ter ido mais além, pois esta equipa foi uma sombra daquilo que pode realmente ser; há no entanto que salientar o jogador José Maria que fez uma boa primeira parte sobresaindo tecnicamente dos companheiros, embora na segunda parte tivesse abusado de individualismo.

Arbitragem fraca.

José Rosa

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia

MONTIJO visita «A Província»

Na passada sexta-feira, dia 6, deu-nos a honra da sua visita, aliás prevista num amável ofício recebido antecipadamente, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, que se fez representar pelos srs. Dr. José Sabino Resina Dias, Francisco António Faria, Francisco Tobias da Silva Augusto, António Rodrigues Tavares Júnior, Eng.º Gabriel da Fonseca Mimoso, Joel Cid Navarro Rodrigues, José Estêvão da Silva Carvalho e José Machado.

Na nossa redacção aguardavam os visitantes o seu Director acompanhado pelas funcionárias dos nossos diversos departamentos.

Em nome dos visitantes usou da palavra o nosso camarada de imprensa e actual mesário, sr. José Estêvão da Silva Carvalho que apresentou os cumprimentos de toda a Mesa e pediu a colaboração do nosso jornal, para a campanha de renovação que estão dispostos a encetar e que visa, como é obvio, à melhoria das condições hospitalares, para o que necessitam da sua ampliação quer de instalações, quer de material didático, de que o Hospital sub-regional tão necessário está, para melhor eficiência dos seus serviços a bem do Montijo. Focou ainda o orador que tam-

bém no campo Assistencial a pobres, muito pensa fazer de forma a que o auxílio aos necessitados seja mais profícuo, mas para isso necessita do apoio de todos e principalmente da Imprensa local que tão valiosa é na sua propaganda.

Em seguida usou da palavra o nosso director para agradecer a gentileza da Mesa da Santa Casa, a que infelizmente não estão os jornais habituados e pondo em destaque as palavras amáveis que acabara de ouvir. Dissertando um pouco sobre o valor da pequena imprensa, neste capítulo, terminou o nosso director pondo as colunas deste jornal inteiramente ao dispor de tudo o que necessário fosse a bem da Misericórdia, como afinal é apanágio da nossa casa, desde que de Montijo se trate.

Em seguida foram convidados a visitarem as nossas instalações, numa das quais lhe foi servido um Montijo de Honra.

Para agradecer a gentileza de que estavam a ser «alvos» voltou a usar da palavra o nosso camarada José Estêvão que teve palavras de apreço para o nosso jornal, bem como para as nossas dignas funcionárias. Voltou também a usar da palavra o nosso Director que disse «ser do dever do jornal tal recepção», pedindo desculpa no entanto de não estar ela à altura dos visitantes.

E sempre em ambiente familiar, como outra coisa não se podia esperar dos assistentes, terminou a visita que a Mesa da Santa Casa da Misericórdia fez ao Jornal «A Província» e que muito nos honrou.

Felicidades no desempenho da sua missão são os votos que todos, os que nesta casa trabalham, desejam aos novos dirigentes.

Santa Casa da Misericórdia DE MONTIJO

Na passada quinta-feira, 5 do corrente, a Mesa da mesma Santa Casa foi apresentar os seus cumprimentos ao Ex.º Governador Civil do Distrito, sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos.

Acompanhou os componentes da Mesa o sr. Presidente da Câmara Municipal, que fez a apresentação.

Em seguida e em nome da Misericórdia local usou da palavra o sr. Provedor, Dr. José Sabino Resina Dias que apresentou os cumprimentos de toda a Mesa e aproveitou a oportunidade para fazer ciente a S. Ex.ª de todas as necessidades da Misericórdia nomeadamente as ampliações do Hospital, a criação do laboratório de análises, radiologia, apetrechamento da lavanderia, cacifros para dispensário, subsídios etc., tudo quanto os novos dirigentes acham de premente necessidade para o momento.

O sr. Governador Civil ouviu atentamente a exposição feita pelo sr. Provedor, secundada pelos restantes mesários, e prometeu interessar-se por todas as petições efectuadas, nomeadamente a dos cacifros para o dispensário que ele, Governador, oferecia dos recursos do Cofre do Governo Civil.

«A Província»

Está à venda em Lisboa nos seguintes locais:

«Tabacaria Mónaco»
Rossio, 21

«Tabacaria S. Sebastião da Pedreira»

Rua Augusto Santos, 11
e na sua Delegação:
Avenida do Brasil, 178, 1.º Esq.º
Telefone 728280

GRANDE CONCURSO

de Prognósticos de Futebol

Cupões entrados do n.º 21, de 8-2-59: 108

VENCEDOR NO 2.º PRÉMIO, de 100\$00: *Dimas da Silva*, Alto de S. Sebastião, *Moita do Ribatejo*, que acertou em catorze resultados, cujo prémio receberá nesta redacção, por compras a efectuar em estabelecimento à sua escolha, mediante factura respectiva.

Cupão n.º 20, de 1-2-59:

Não tendo ainda sido efectuado o jogo SACAVENENSE-ORIENTAL, adiado por motivo de mau tempo, não foi realizado por enquanto o apuramento final dos concorrentes aos jogos desse dia.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Dos 108 cupões entrados, não se fizeram marcações de pontos aos concorrentes, por não ter sido favorável ao nosso Clube, o jogo Serpa-Montijo.

Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo.
Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

Terreno - Compra-se

— Para construção na vila. Resp. a esta Redacção.



do Minho ao Guadiana



Alcochete

Sociedade Filarmónica Imparcial 15 de Janeiro

— Esta colectividade que há pouco atingiu o 61.º aniversário da sua criação, na data jubílica da consagração de igual facto da restauração deste Concelho, prestou justa homenagem ao executante da sua Banda, sr. Francisco Nunes Janeiro, que há mais de 45 anos, com assiduidade e competência tem elevado o prestígio desta Sociedade.

Em sessão solene em que usou da palavra o sr. dr. José Grilo Evangelista, salientando as qualidades desse executante, e à qual assistiram muitos associados da Imparcial 15 Janeiro, foi descerrada a fotografia do homenageado.

A essa significativa prova de estima, associa-se «A Província» com sincero apreço.

(E.)

Faro

Chuvas torrenciais assustam a população Farense

No dia 28 de Janeiro passado registaram-se nesta cidade, grandes chuvas torrenciais acompanhadas de trovoadas persistentes, causando por isso imensos estragos, principalmente nos arredores de: Pontes de Marchill, onde se verificaram gigantescas inundações, provocando inúmeras perdas de gado bovino, alguns galináceos, etc., pois as águas chegaram a atingir em alguns pontos dois metros de altura, destruindo assim vivendas inteiras. — (C.)

BAIXA DA BANHEIRA

— O Abastecimento de Água — Ano Novo vida nova — o mesmo que dizer: Voltamos de novo a ocupar-nos, deste já tão falado problema.

— Em 4-5-956, e a cargo da Empresa de Sondagens Teixeira Duarte, Lda. de Lisboa, tiveram início os trabalhos da obra de pesquisas, para abastecimento de água a Alhos Vedros, Baixa da Banheira e outras povoações do concelho.

— Em Junho do mesmo ano, e para a mesma obra, foi concedida pelo Fundo de Desemprego uma comparticipação de 100 contos.

— Em 15-2-57, em optimas condições, tiveram a sua conclusão, os trabalhos da obra acima citada (1.º furo).

— Em 3-3-57, diz «O Século»: concedida a comparticipação de 100 contos para a mesma obra, «pesquisas».

— Em 24-3-57, diz «O Século»: concedido um reforço de 50 contos, para o mesmo fim.

— Em 25-5-57, e a cargo da Empresa de Sondagens Johann Keller, de Cascais ficaram concluídos os trabalhos da obra do 2.º furo.

— Em 26-11-58, diz «O Século»: Autorizada a C. M. da Moita, a contrair r.a. C

G. D. C. P., um empréstimo de 700 contos, para a obra de abastecimento de água a Alhos Vedros e povoação de Baixa da Banheira.

— Em 31-12-58 diz «O Século»: concedidos pelo Fundo de Desemprego, um reforço de 70 contos para a obra de abastecimento de água a Alhos Vedros, Baixa da Banheira e outras povoações.

— E a finalizar, há ainda bem poucas semanas, embora muito particularmente, chegou ao nosso conhecimento, que as amostras de água, colhidas dos furos supracitados para efeito de análises, tinham acabado de merecer a devida aprovação, da Direcção Geral de Saúde.

Se realmente assim sucedeu, por nossa parte ainda mais uma vez nos permitimos perguntar: — O que é que faltará agora ainda, para que a construção da canalização e o respectivo reservatório não tenham já sido postos a concurso, a fim de terem o seu início os novos trabalhos?!

Por tal motivos às entidades superiores, continuamos a pedir urgentes providências!!!

— Ensino primário elementar — A Ex.ª Professora, sr.ª D. Emilia Cabrita Mendes,

nossa prezada assinante, em Dezembro findo levou a exame os seguintes candidatos:

— Em 18-12-58 (3.ª clas.) Ana dos Anjos; Joaquina Maria Lavado, Maria Alice dos Santos Lucas, Maria Eduarda da Conceição Lourenço e Maria Helena Martins Alves. Todos aprovados. Em 19-12 (4.ª clas.) Maria Manuela Paiva Graça e Miquelina da Encarnação Gambóias. Aprovadas.

Ainda particularmente lecionou mais os seguintes indivíduos que também mere-

receram a devida aprovação, sendo eles: (3.ª clas.) António Caraça Correia, José Alvíto, César Roque do Nascimento e João Agostinho. (4.ª clas.) Artur Gonçalves Cabrita, Vicente Baltazar e Fernando Marques. A todos os nossos muito sinceros parabéns.

— Com falta de saúde — Passou a quadra festiva do Natal e Ano Novo, retido no leito, com bastante falta de saúde, o nosso prezado amigo e dedicado assinante, sr. Diamantino José Lopes, encontrando-se felizmente quase restabelecido, com o que muito folgamos.

— Conjunto Musical «Reis da Alegria» — Este magnífico conjunto musical, esteve nesta localidade, no passado sábado, 3 de Janeiro, do ano corrente, abrilhantando uma «soirée», que se realizou na sede do C. U. B., a qual decorreu muito animada. (C.)

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 23

Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»

Domingo, 22 - 2 - 59

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Tirsense	Leixões	Sacavenense	Atlético
Chaves	Peniche	Arroios	Almada
Oliveirense	Marinhense	Farense	Beja
Boavista	Portalegre	Oriental	Montijo
Gil Vicente	Salgueiros	Coruchense	Estoril
Vianense	Sanjoanense	Serpa	Olhanense
Espinho	Vila Real	Juventude	Portimonen.

Campeonato Nacional de 1.ª Divisão

Benfica

Porto

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 23

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo, 22

Saber morrer

CONTO - Por Carlos Mascarenhas

Para entreter uma sociedade que não se quer abismar nas lucubrações da filosofia, nenhum conto de melhor feição pode haver do que o baseado em assunto leve, de fácil assimilação, polvilhado, quando a propósito, de ironia ou humorismo. Tristeza — que as leve o diabo!

A meu contra-gosto, porém, vou agastar os leitores com uma narrativa que nada vem a propósito, simplesmente porque não me ocorre outro tema que melhor admita cunho de veracidade.

Pois bem. Contrariando o desânimo de Herculano — *Isto até dá vontade de morrer!* — o que hoje verificamos é um insano desejo de viver. Por conseguinte, não posso abrigar a ideia de que o modo como se deve morrer seja preocupação constante de quem quer que esteja vivo. O essencial é «deixar correr o marfim», sem grandes problemas e inoportunas ante-visões. Quando se aproximar a morte, então se verá como cada qual a encara e acolhe.

Pelo que tenho presenciado nas minhas permanências em hospitais e sanatórios, e ainda pelo conhecimento que leituras insuspeitas me conferem, creio-me habilitado a dizer que são os espíritos fortes os que melhor figura fazem no momento de transpor os umbrais da eternidade.

Se é certo, como parece, que um homem morre tal como viveu, que a morte dum homem, por outras palavras, é sempre o reflexo da sua vida, não nos poderá parecer estranha a serenidade, a filosofia, a lucidez com que soltaram o último alento grandes homens como Sócrates, Savonarola, Luther, Giordano Bruno, Richelieu, Fontenelle, Rabellais, Guilherme Humboldt, Tomás Hanker e outros de semelhante envergadura mental.

Dos condenados à morte, grande número dos que se consideram má-

res sucumbem com laivos de heroísmo, elevando, no momento derradeiro, um «viva» ao ideal por que se sacrificaram, ou mantendo uma impressionante altivez, como foi a atitude da bela Mata-Hari, a quem convenceram de que a execução seria simulada. Só os criminosos, mórmente os assassinos, morrem como poltrões, apavorados com o remate que a outrem infligiram com idêntica ou maior desumanidade.

Há ainda a considerar os casos de morte pensada, o suicídio premeditado, como aquele que tanto me emocionou pelas circunstâncias de que se revestira, não tendo ficado nos anais da celebridade pela razão simples de ter sido um obscuro personagem o intérprete fiel da sublime estrofe do vate sadino: *Saiba morrer o que viver não soube.*

Na sua simplicidade, o episódio invulgar conta-se facilmente:

Nas minhas deslocações quotidianas de casa para o emprego e do emprego para casa, acabei por vir à fala com um cavalheiro que se servia do mesmo combóio em que eu habitualmente transitava. No horário da manhã, especialmente, acontece com frequência, fixarmos as mesmas caras que igualmente nos miram e se tornam, por assim dizer, familiares. Palavras soltas num dia, palavras ligadas noutra, acabamos muitas vezes por tomar conhecimento com alguns companheiros de viagem. Foi assim que vim a saber que o Hóracio — (de quem ouvi o nome por alguém que o cumprimentou) — trabalhava na indústria têxtil e era oriundo do mesmo concelho de que eu era natural. Quase conterrâneos, portanto, logo demos a conhecer as nossas genealogias, referindo-nos depois, por afinidades, a outras pessoas dos nossos vizinhos burgos.

— ... E o Filipe, de quem sou bastante amigo, trabalha também Lisboa. — prosseguiu o informador, — Não sei se o conheceu...

Bem longe estava eu, na verdade, de me recordar de um companheiro de infância a quem perdera o rasto desde a nossa longínqua separação. Desperto, pois, por tão casual evocação, confirmei, num arroubo de satisfação:

— O Filipe!... O Filipe cardador! Pois não conheço eu outro amigo?!

— Agora é tecelão — rectificou o colega dele.

(Conclui no próximo número)

N.º 5



ARCO - IRIS



12-2-59

Página mensal de colaboração dos nossos leitores e assinantes

*A colher flor's na Judeia
Maria picou a mão,
E no sangue dessa veia
Deu ao mundo a Redenção!*
Dr. Cabral Adão

ALEXANDRE HERCULANO

— Breves apontamentos sobre a sua obra e vida —

Quando Herculano regressou do exílio pensou que a literatura portuguesa precisava duma reforma, pois segundo ele, o classicismo era a expressão literária do despotismo monárquico, era pois necessário substituí-la por uma literatura popular e nacional.

A partir de 1838 começou a publicar n' «O Panorama» e na «Revista Lisbonense» as suas novelas e romances históricos, ocupando-se todos eles da Idade-Média, exaltando o espírito de cavalaria e os valores da aristocracia feudal, contrapondo-os ao espírito burguês e mercantil da época.

Contudo o seu romance histórico oferece um aspecto mais apreciável, que é a verdadeira reconstituição histórica, apoiada no estudo cuidadoso das fontes históricas para nelas basear as narrativas e descrições.

Os romances de Herculano constituem ainda uma intro-

dução à História de Portugal, obra que foi inspirada especialmente em escritores franceses.

O conjunto dos seus romances oferece-nos uma história política da sociedade portuguesa desde as origens até ao final da Idade-Média,

fazendo sobressair neles o papel da burguesia.

Quando em 1851 «O Panorama» publicou as Lendas e Narrativas, ignoravam-se ainda duas formas de romance: o romance histórico e o romance campesino. Por

Por - ANA RITA

isso grande foi a originalidade das Lendas ao apresentarem uma nova técnica de composição.

Em Alexandre Herculano a descrição dos personagens e do começo da acção são minuciosas, mercê do seu conhecimento da indumentária e da sua erudição arqueológica.

O escritor influenciado pela corrente literária com a qual estivera em contacto durante os anos de exílio, fixa para o romance a forma histórica, tomando-o como história ver-

Quando num dia desta semana me desloquei à Capital afim de tratar duns assuntos burocráticos, ao desembarcar do «Montijense» e quando atravessava o buliçoso Cais da Ribeira, parei durante seguramente uma boa meia hora, pois o tempo sobrava-me, para desbobinar o inolvidável espectáculo que representam duas peixeiras a descomporem-se mutuamente em belo português arcaico.

E foi então que por uma curiosa associação de idéias, pensei naquela rúbrica das Seleções: «Enriqueça o seu vocabulário».

Alguns daqueles termos, que no dizer dum célebre académico, «parecem o baixar de portas onduladas» foram palavras cruzadas nesse violento ping-pong de «pê fresco», modalidade desportiva em que elas são exímias.

Lembrei-me duma ocasião em que eu era ainda um jovem estudante, e num intervalo entre duas aulas, ao trocar impressões com o meu saudoso professor de portu-

dadeira, narrada e dialogada, mantendo as linhas gerais e e os episódos principais tais como a História os aponta e vistos através da proibidade que punha em todo o seu trabalho.

O Pároco de Aldeia fez de Herculano o anunciador do romance campesino, com a visão ingénua e optimista da vida rústica que viria a ser a glória de Júlio Dinis.

Nos romances que se lhe seguiram Herculano condensou duas correntes diversas: o romance histórico e o romance de tese.

Pelos 21 anos Herculano era já um moço sombrio com idéias liberais que o comprometem e o fazem emigrar.

Quando estudante trocara a boémia pela Torre do Tombo, o que já o encaminhava para o rumo de historiador. Depois mais tarde é nomeado 2.º conservador da Biblioteca do Porto, mas passado algum tempo demitete-se, escreve a Voz do Profeta e regressa a Lisboa.

Em 1837 toma a direcção da revista «O Panorama» e escreve: O Bispo Negro, A Morte do Lidador, A Dama Pé de Cabra e colige quase todas as poesias da Harpa do Crente. É então nomeado pelo rei consorte, bibliotecário da Ajuda, mas em 1856, Herculano, ferido no seu orgulho, abandona a vida de Lisboa e a própria Academia e faz-se azeiteiro em Azoia.

Morreu em 1877 e os seus escritos, desde o tempo da Azoia são dominados pelo pessimismo causado pelo aborrecimento da vida de Lisboa.

DIVAGANDO

POR - CARLOS AMARAL

guês, sr. dr. Virgílio Couto, após uma breve dissertação sobre a Língua Portuguesa e suas origens, o referido Dr. acaba por afirmar que marujos e varinas sempre tiveram mais influência na nossa língua do que todos os clássicos enfiados numa linha.

E senão, atentemos no facto consumado em como o mar está sempre presente na nossa linguagem de cada dia.

São aos «cardumes» as frases que ele fabricou e nós empregamos a cada momento:

«Remar contra a maré», «Gaivotas em terra, sinal de vendavais», «Anda moiro na costa», «Uma tempestade num copo d'água», «Uma gota d'água no oceano», «Pela boca morre o peixe», «Não pescar nem boia», «Com a borda debaixo d'água», «Embandeirar em arco», «Ter uma grande proa», «Andar enfunado», «Pescar nas águas turvas», «Andar em maré de rosas», «Nem tanto ao mar, nem tanto à terra», «Quanto maior é a nau, maior é a tormenta», «Ir de vento em popa», «Há mais marés que marinheiros», «Mais vale andar no mar alto que nas bocas do mundo», «Dar água pela barba», «Ficar a ver navios», «Ir à vela», «Ir-se embora com vento fresco», «Estar de maré», «Marinheiro de água doce», «Meier água», «Ficar em águas de bacalhau», «Nem tudo que vem à rede é peixe»,

«Andar a leste», «Filho de peixe sabe nadar», «Comer a isca, e... no ansol», «Deitar a carga ao mar», «Barco parado não faz viagem», «Quando há vento é que se molha a vela», «Quem vai para o mar avia-se em terra», «Carrega a nau trazeira, andar a vela dianteira», «Nem rio sem nau, nem geração sem mau», etc., etc.,

E até os antigos amantes de farta bigodeira ao pensarem nas «ninfas» cabeludas do Mondego no tempo em que elas usavam negros reposteiros capilares até ao chão, expressavam-se e «exprimiam-se» assim:

«Nas ondas do teu cabelo
Vou-me deitar a afogar
Eu quero que o Mundo saiba
Que há ondas sem ser no mar...»

Hoje as pequenas ondas das cabeleiras existencialistas não chegariam para molhar uma só unha de pé amoroso. O cabelo tal como as saias e as cuecas, é hoje essencialmente simbólico.

O mar, por sua vez, deixou-se de fazer frases novas. Esperemos com paciência que estas colunas registem, numa «Província» de Dezembro do ano de 2059, a influência da navegação estratostérica na prosódia portuguesa.

Visado pela Censura

Uma nova estrela...

À Laureada aluno de História da Faculdade de Leiras,

a menina Carlota Maria G. Borges Landeiro

*Vi uma nova estrela
Fulgindo no firmamento;
Brilhando formosa e bela
Na imprensa do meu tempo.*

*Fulgiu a sua luz
Na consoada do Natal!
Lindo Natal de Jesus!...
Estreia fenomenal!*

*A laureada estudante,
A excelsa prosadora;
De lhaneza deslumbrante
E prosa encantadora.*

*Venha, venha por favor...
(logo que tenha vagar)
Com tão delicado humor
Sobre a história dissertar.*

*História da velha Roma,
A Roma das catacumbas;
Roma de tantos bromas,
Roma de negras penumbras.*

*Roma... a cidade eternal...
No inverso... toda amor!
Dos católicos lanterna!...
Em nome do Salvador.*

(Janeiro de 1959)

José do Nascimento Teixeira

«DE OUTRO MUNDO, —

DE OUTRAS GENTES»

*Vem de longe a sombra de meus passos
Errando por caminhos solitários;
Meus pés arrastam limos e cansaços
De seculares e místicos fadários.*

*Meus sentimentos nobres e devassos
São o regresso de destinos vários;
São espectros fugidos aos espaços
Onde cumpriam votos milenários.*

*Desci ao mundo, par fatal desígnio,
Empunhando a luz de um facho igneo
Que o mundo desconhece e não aceita.*

*Contudo, tal desprezo não me vence,
Sou parte do que ao Mundo não pertence
E só por isso o Mundo me rejeita.*

Maria Eugénia Lima

Notas Biográficas: — MARIA EUGÉNIA LIMA, natural de Luanda (Angola), começou a escrever poesia, aos 8 anos de idade. Já colaborou na imprensa em «Província de Angola», «Diário de Luanda», «Jornal do Comércio» de Luanda, «Jornal de Benguela», e como produtora radiofónica e poetisa no «Rádio Clube de Angola» e «Rádio Clube de Benguela».